

Ao longo dos capítulos deste livro citamos diversas experiências que jogaram luz na relação entre escola e famílias. Todas elas têm em comum a abertura para o diálogo. Nesta parte compartilhamos com você, diretor, uma roda de conversa entre educadores e pais de alunos de Casimiro de Abreu (RJ), município em que é realizado o projeto TransFormar, iniciativa do Instituto João e Maria Backheuser em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Comunidade Educativa CEDAC, que desde 2015 atua na formação de educadores.

Em 2017, o projeto agregou a suas ações ciclos de conversas a fim de avançar na construção de uma parceria entre escola e famílias que pudesse contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Nesses encontros são abordados temas de interesse mútuo das duas instituições: maneiras de apoiar os projetos de vida de crianças, adolescentes e jovens, como qualificar a comunicação da escola e das famílias com os estudantes, de que modo avançar na participação efetiva da trajetória escolar etc. Tanto o planejamento quanto os registros das conversas são discutidos com os gestores educacionais e escolares da rede, com o objetivo de que se tornem práticas frequentes para que a parceria seja cada vez mais efetiva.

Os trechos da conversa reproduzidos a seguir são uma amostra de como oferecer um espaço de encontro e manter o diálogo aberto permite trazer para o centro das discussões aquilo que importa para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, fazendo com que educadores e familiares se apoiem, compartilhem desafios e atuem juntos.

A conversa, realizada em fevereiro de 2019, foi mediada por Marília Novaes, coordenadora pedagógica da Comunidade Educativa CEDAC, que vem conduzindo esse trabalho com as famílias. Agradecemos aos participantes dessa roda, que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar sua experiência nesta publicação:¹

1. As falas foram editadas para adequação à língua escrita e com a intenção de conferir concisão e clareza.

- ▶ **Alessandra de Sá**, funcionária de biblioteca escolar;
- ▶ **Ana Lúcia Assunção**, diretora de escola;
- ▶ **Carla Teixeira de Lobo**, diretora de escola;
- ▶ **Elisângela Antunes**, professora da Educação Infantil;
- ▶ **Ivanilde Martins Faria**, diretora de escola;
- ▶ **Luciana da Silva Campos Alves**, coordenadora da Educação Infantil do município;
- ▶ **Marília Novaes**, formadora da Comunidade Educativa CEDAC responsável pelos ciclos de conversa;
- ▶ **Nícia Maria Barreto de Oliveira Araújo**, secretária de Educação de Casimiro de Abreu;
- ▶ **Rosana Barbosa Eleotério da Silva**, mãe de aluno;
- ▶ **Tânia Maria Lopes Araújo**, mãe de aluno;
- ▶ **Wagner Rodrigo da Silva**, pai de aluno.

Marília: Gostaria de começar pedindo que vocês nos falem de como o trabalho que fazemos aqui tem se desdobrado em ações junto às famílias. Uma das ações muito interessantes que vocês desenvolveram aqui em Casimiro de Abreu foi o Piquenique Literário. Quem pode me contar um pouco mais?

Diretora 1: Nós realizamos essa ação em um sábado letivo. Fizemos um convite carinhoso, especial, a todos os responsáveis e eles compareceram. Preparamos o café e compartilhamos ali. Deixamos todos à vontade para ter acesso aos livros, pegá-los, contar a história para os filhos. Fizemos vários cantinhos em todo o ambiente escolar, embaixo da árvore... Não foi só na sala de aula. Saímos espalhando cantinhos para que os pais pudessem ter aquele momento com seus filhos naquele dia. Porque essa parceria da família com a escola, esse elo, é muito importante e vem contribuindo muito, não só para nossa escola, mas para toda a rede do município, com esse projeto de formação para os diretores. Tem surtido efeito mesmo e nós percebemos a importância.

Às vezes a correria é tão grande que não dá tempo de o pai sentar com o professor, com o diretor, ter aquele contato com os funcionários da escola. Então temos que ter um carinho para receber esses alunos, desde a entrada do portão até a sala de aula. E é muito gratificante a gente passar esse carinho para os responsáveis e receber isso de volta. Porque nós temos que conhecer a realidade de cada aluno, e os pais também têm que conhecer a realidade da escola, seus objetivos. Temos que traçar metas, objetivos juntos, para alcançarmos uma boa aprendizagem para nossos alunos. Então é extraordinário ter essa relação de parceria. Tem dado muito certo e nós pretendemos atingir mais pais, porque não conseguimos atingir ainda 100% dos responsáveis.

Diretora 2: Os próprios pais também já vão fazendo propaganda disso, falam um para o outro: “Você perdeu, é legal”.

Diretora 1: Nem todos os pais têm tempo, então essa parceria não é focada só nos que estão mais presentes na escola. A gente tem que abrir para todos os pais e tentar trazer todos para dentro da escola.

Diretora 2: É emocionante ouvir o relato de uma mãe satisfeita com o trabalho da escola, muito gratificante, porque, se eu quero desenvolver meus alunos, se eu quero o melhor deles – quando falo “eu”, falo da equipe toda, porque a gente trabalha em conjunto –, eu preciso que eles tenham confiança na escola, e como faço para que eles tenham? Eu preciso abrir a escola para os responsáveis, porque, como a gente já conversou várias vezes, a escola está na comunidade e tem que servi-la. A escola é a extensão da família, então, quando eu abro as portas, mostro para o pai que ele é importante, que ele é especial, que preciso dele, que a escola precisa dele.

Marília: Em uma das reuniões em que estávamos pensando de que forma a escola pode mostrar o que ela faz e assim ajudar os pais, lembro de uma observação sua muito interessante. Você disse: “Eu quero saber o que a minha filha come na escola porque em casa eu posso também oferecer”.

Mãe 1: É, eu sempre falo isso. Inclusive, ontem mesmo fui à cozinha da escola, porque às vezes tem coisa que a criança não come aqui, mas em casa come, e

eu queria complementar a alimentação, queria saber se tem algo que ela não come aqui. A gente conquistou isso na creche [Creche Municipal Antônia de Souza Silva]: começaram a divulgar, fizeram quadros com a alimentação, a escola mudou muito. Com a nova direção – acho que a eleição dos diretores também fez uma grande diferença, porque legitimou a gestão –, a gente teve uma aproximação muito maior, consegui ter mais acesso a essas informações. Começaram a divulgar mais coisas, quadros de aviso, as aulas que a Valentina [filha] tinha, em qual dia ia trabalhar o quê. Então eu pergunto para ela sempre: “Hoje você fez o quê? A professora está trabalhando qual conteúdo?”. Por exemplo, uma época ela estava trabalhando reciclagem na escola e eu queria trabalhar com ela em casa, porque lá a gente já separa o lixo, a gente já tem todo esse cuidado. Então, eu queria saber o que ela estava exatamente estudando na escola para eu trabalhar em casa e não conseguia ter acesso a essa informação. Quando fui perguntar para a diretora, ela falou: “Pergunte para a professora, porque nenhum pai está interessado em saber isso, porque isso a gente não divulga”. Eu já trabalhei na área de assistência social e isso acontece: como os pais não se aproximam, não valorizam tanto a escola, os próprios professores ficam com a sensação de que são meros cuidadores, o que inviabiliza um pouco. “Nenhum pai está interessado em saber? Não, desculpe, eu estou, e seria muito melhor se você chamasse os outros pais para também estarem do que simplesmente dizer para mim que ninguém tem interesse.” E então isso mudou, a escola se aproximou muito mais, a aproximação, o acesso à informação, o diálogo, tudo mudou, melhorou muito. Eu fiquei muito satisfeita ano passado.

Marília: Você estava falando da alimentação também.

Mãe 1: Sim, esses dias eu vim pegar a minha filha e tinha uma mãe comentando: “Mas você comeu isso? Você não come em casa!”. É porque a escola põe vários coleguinhas comendo a mesma coisa. Muitas vezes o pai quer que o filho coma, mas ele não come, e nós somos exemplos dos nossos pais; você diz: “Vai comer beterraba”, mas você mesmo não come. Então eu contei para

ela que, quando eu quero apresentar alguma coisa para a minha filha, eu pinto primeiro no meu prato, falo que é uma delícia, aí ela tem a curiosidade de saber por que eu comi. E na escola acontece isso; todos estão comendo e a criança começa a comer também. Porque a alimentação é muito importante; se a criança não se alimentar bem, ela vai ter várias dificuldades futuramente. Agora estão inserindo a janta na escola, que a gente imaginava que as crianças não fossem comer, e de repente a Valentina começou a contar: “Mãe, hoje eu comi beterraba, hoje eu comi feijão, hoje eu comi carne”. Você vê a escola inserindo. A gente sabe que algumas crianças não se alimentam bem e, em casa, tudo o que elas querem muitas vezes é arroz e batata frita. Mas a escola tem nutricionista, a alimentação é toda regrada, e, ensinando aqui, a criança vai comer melhor em casa, vai ver a salada de forma diferente no prato para querer comer também.

Marília: É legal o que vocês estão trazendo, quer dizer, os hábitos saudáveis de alimentação que vão sendo construídos na escola, que tem essa força do coletivo, que dá força para todo mundo. É essa a troca. E você trouxe uma coisa bem bacana também, que é: “O que o meu filho aprende aqui? Como ele aprende?”. A gente, na escola, achava que isso era só da escola, que ficava guardadinho ali como uma preciosidade que só a escola tem. Não! Os pais precisam saber.

Mãe 1: É, na verdade, como se a função da escola fosse somente ensinar, e a função da família, só educar, e também tem muito pai por aí, de qualquer classe social, que está deixando tudo para a escola: educar e ensinar. No Rio aconteceu o caso de uma mãe que não conseguia dizer não para o filho, que queria pipoca na saída da escola. Tinha um pipoqueiro na porta da escola e todo dia o filho pedia pipoca. A mãe, com a dificuldade de dar limite que a gente tem, não conseguia dizer não e foi à direção da escola para pedir que tirasse o pipoqueiro dali.

Então, as pessoas não querem dar limite para os filhos, porque educar dá trabalho. A minha mãe falava: “Ai, eu não eduquei nenhum filho porque dá

muito trabalho. Vou deixar vocês fazerem tudo”. Ela fez isso há 40 anos, e hoje em dia está pior. A minha mãe era dona de casa, não trabalhava fora, tinha todo o tempo do mundo para fazer, mas educar dava muito trabalho...

Diretora 2: O que você falou é interessante, que a Educação passa pela família, depois para a escola, para mostrar o reflexo na sociedade.

Marília: Acho que é importante a gente pensar que educar e ensinar vão juntos. No meu tempo não tinha Educação Infantil, a gente ia para a escola com 7 anos. Então havia essa ideia de que já “chegava educado” à escola.

Mãe 1: É, já chegava sabendo um monte de coisa.

Marília: Agora as crianças vão para a escola com 6 meses, às vezes com 3. Então essa parceria está dada desde o início. Nem toda mãe é essa mãe idealizada que a gente imagina. Tem mãe que não é afetiva, tem mãe tão afetiva que até sufoca, tem mãe que não consegue dizer não e prefere tirar o pipoqueiro – e vai tirar tudo da frente pelo resto da vida, porque não consegue dizer não. Então a gente, como mãe, precisa de ajuda.

A escola oferece essa coletividade e essa possibilidade de conversar com as mães, porque os problemas são comuns, não são? Poder trocar ideias em uma reunião de pais ajuda a gente: “Aquela mãe está fazendo tal coisa para o filho comer ou ela teve aquela ideia interessante”. Então é essa parceria. Você gostaria de comentar alguma coisa?

Mãe 2: Eu tenho dois filhos, um de 4 e outro de 5 anos, e gosto muito do trabalho que fazem lá com eles. Esse dia do piquenique foi muito legal. Eu levei os dois e tinha vários cantinhos com leitura, com outras atividades também – pintura, essas coisas –, e eu pude participar bastante com eles. Sempre há esses projetos, esses trabalhos para poder unir a família. Eu acho isso realmente importante também porque passo muito pouco tempo com os meus filhos. Agora estou trabalhando praticamente de domingo a domingo. Saio de casa às 7 horas da manhã, boto eles na escola e chego às 9 horas da noite, quando eles já estão indo para a cama. Então, quando tem na escola esses projetos, eu dou um jeito de ir, porque sei que é um momento que a gente vai ter de brincadeira...

Diretora 2: De estar junto.

Mãe 1: Isso. De interagir com eles, de estar com eles. Eu gosto muito do trabalho feito lá.

Marília: É muito bom a gente pensar que a nossa rotina em casa precisa mesmo da escola ajudando nessa parceria, nessa conversa, porque, nesta época em que a gente vive, nestes tempos de muita coisa, é preciso buscar mesmo ajuda e parceria.

Mãe 1: Eu queria comentar outra coisa em relação a essa questão da vida corrida. Tem na frente da escola materiais de uma campanha para os pais largarem o celular. Acho que esse trabalho tinha que ser mais incentivado. Lá em casa acontece isso direto, porque eu trabalho em casa, então divido o meu tempo com a minha filha, e o meu marido também; nós dois sempre trabalhamos em casa, então estamos o dia inteiro com ela. Se eu estou trabalhando, ela fala: “Ai, mamãe, larga esse computador”. Às vezes ela quer brincar, aí eu brinco com ela, mas volta e meia dou aquela olhada no WhatsApp. Há pouco tempo eu descobri um *site* muito legal, chamado Tempo Junto,² que ensina um monte de brincadeiras: brincadeira para quando está chovendo, brincadeira para todas as idades, um monte de brincadeiras simples, com papel – todas para fazer em casa, para você valorizar o tempo que está com o seu filho...

Mãe 2: Tempo de qualidade, não é?

Mãe 1: É, tem que tirar o celular de perto, porque é uma tentação; se estiver do seu lado, você vai olhar. A gente tem pouco tempo, e o tempo que a gente tem livre a gente quer dar aquela olhadinha no WhatsApp, não tem jeito... Eu acho que é importante, sim, trabalhar para os pais darem uma largada no celular, porque a criança reproduz os hábitos deles. Se você fica o dia inteiro no celular, a criança pensa: “Esse negócio deve ser legal!” e vai querer ficar também.

2. Disponível em: <<https://www.tempojunto.com>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

Eu perguntei para a professora: “O que você vai trabalhar com as crianças, para que eu possa fazer em casa com ela também?”. Porque são vários alunos, e a gente não quer que uma professora dê conta de todos. Se tiver essa parceria entre professor e pai, a criança vai se desenvolver; o meu objetivo é que o meu filho se desenvolva. Ontem uma amiga me chamou para tomar café. Eu disse que não podia, para esperar a minha filha e tomar café com ela, porque aí a gente conversa, olha no olho, ela fala o que está acontecendo e muitas vezes sinaliza alguma coisa. Então eu posso procurar a professora e dizer: “Está acontecendo isso”, e ela me diz: “Que bom que você me abriu os olhos. Vou prestar mais atenção”, porque é o seu filho falando em particular. E ali são vários alunos, fazendo várias coisas, e a gente sinaliza e abre os olhos da professora conforme ela abre os nossos. Um dia ela disse: “A Valentina está assobiando muito na aula”. Então, de forma tranquila, eu expliquei para a minha filha por que não pode assobiar na aula, que ela pode fazer isso em casa, e ela não está mais fazendo. Se tiver essa parceria – “O que está acontecendo com o seu filho na escola?”, “O que está acontecendo com o seu filho em casa?” –, talvez a criança tenha um comportamento diferente. A professora vai observar e a gente não vai só cobrar, porque educar e ensinar estão juntos, mas educar é o nosso papel, o nosso filho tem que vir [para a escola] educado.

Os nossos filhos não querem celular; querem a gente olho no olho, brincando com eles. Muitas vezes achamos que estamos com eles e não estamos nada; estamos sentados no tapete, vendo televisão, a atenção não é para eles. Ontem, por exemplo, eu brinquei de vareta com a minha filha e o meu coração se encheu de alegria, porque eu brinquei muito disso quando era criança. Outro dia fiz uma coisa que a deixou muito feliz, mas quem ficou mais feliz fui eu, porque o meu sonho era tomar banho de chuva com ela, só que não dá para a gente fazer muito isso por causa de relâmpago e trovão, a gente fica com medo. Aí, no primeiro dia de aula, caiu um pé-d’água sem relâmpago e eu tomei aquele banho de chuva. Cheguei à escola igual a um pinto

molhado, pingando, o cabelo grudado, a roupa, todas as mães com sombrinha e eu sem. Falei para a Valentina: “Vamos embora para casa, filha”, e ela: “Você não trouxe guarda-chuva?”. “Não, nós vamos tomar banho de chuva”, e tomamos aquele banho. Então, é a gente registrar essas pequenas coisas com o filho e estar sempre em contato com o professor. Eu falei para a professora: “Eu preciso do que você vai passar. O que você está ensinando? Porque eu vou ter base com ela em casa, eu vou trabalhar com ela em casa e ela já vai vir sabendo mais, quando você for passar”. Tem alunos que são comportados, tem alunos que não são, e às vezes é um professor para dar conta de 20, de 25, enquanto a gente não dá conta de um, dois, três em casa e fica doida para mandar para a escola. Se a gente chegar junto com eles, a gente vai alcançar o nosso objetivo, que é ter o nosso filho sabendo, sendo instruído corretamente.

Diretora 2: Uma das ações que realizamos são as reuniões de pais por turmas. É o momento que os pais têm com o professor, para conhecer melhor o trabalho dele e dar ideias, e nós da direção participamos também. Outra ação foi de registro de trabalhos extraclasse feitos com material reciclado, em que a gente disponibilizou o WhatsApp para os pais tirarem foto na hora em que estivessem confeccionando o trabalho, e recebemos coisas emocionantes; algumas famílias juntavam todo mundo, até o cachorro, para tirar foto e enviar. Então você vê como que é importante essa parceria, os pais precisam disso.

Marília: E a gente precisa desse retorno deles.

Diretora 2: A gente precisa mesmo. Outro dia uma mãe me disse: “Ah, eu não gosto muito de ler, mas eu estou aprendendo com o meu filho...”.

Marília: Olha que legal!

Diretora 2: Eu penso que nós, como escola, e vocês, como pais, temos o mesmo objetivo, que é a aprendizagem dos nossos alunos, que é o desenvolvimento dos nossos alunos em todos os aspectos. Para conseguir realmente essa parceria, todo início de ano a gente pensa: “O que eu posso mudar? O que posso melhorar para aproximar mais a família da escola?”. Este ano já tem ideias

novas para aproximar mais as famílias [da escola]. Elas estavam falando de um café literário que a gente fez com as avós, avó contando história para os netos. Uma das avós foi diretora daqui da escola e, depois que contou a história, ela se emocionou de estar na escola da qual foi gestora, contando história para a neta. Foi muito bacana.

Marília: Acho que você trouxe uma coisa muito importante também para a gente pensar, que tem a ver com mudar essa atitude de julgar, não é? “Ai, essa família! Ai, esse professor!” Vamos trabalhar a partir daquilo que temos no momento: temos esse grupo de pais, vamos trabalhar com eles e expandir; temos esse grupo de alunos em que alguns pais vão ler, outros não vão, mas vamos fazer esse trabalho, vamos acolher todo mundo. Julgar é do ser humano, mas, quando a gente [conversa] vai para um momento em que se estabelece outro tipo de relação, de maior confiança nos pais, de ajudá-los a confiar neles também, ajudá-los a se sentir... dar elementos para eles ficarem mais fortes.

Professora: Porque às vezes é uma questão de compreensão.

Mãe 2: Eu passo pouquíssimo tempo com os meus filhos e também não tive esse momento de estudar, porque eu perdi o meu pai muito cedo, comecei a trabalhar com 10 anos de idade. Então, isso tudo que hoje eu tento fazer pelos meus filhos eu não tive, mas eu tento acompanhar os dois o tempo todo. Eu tenho muita vontade de pegar um livro na escola, na saída, só que eu nunca vou buscar os meninos, porque quem tem cuidado deles é o meu esposo, que está desempregado, e eu estou trabalhando. Ele não tem esse hábito, e eu sempre digo para ele: “Fala para as crianças pegarem um livrinho na biblioteca”, mas ele nunca fala para os meninos, mesmo estando sempre lá, com a biblioteca aberta à disposição para as crianças pegarem um livrinho quando quiserem.

Secretária de Educação: Eu queria dizer que acho que, com esses momentos de conversa, a gente se aproxima e entende melhor a realidade. De fato a gente está tendo uma parceria, uma cumplicidade. Não chega só para uma reunião, senta, ouve, toma um café e vai embora. A gente também ouve a família, tem o relato do que acontece, como é a vida de cada um, porque cada um

tem os seus afazeres, os seus compromissos. Então, como gestora, fico muito feliz dessa conquista da escola junto à família e de estarem buscando novas formas. Porque não adianta só marcar a reunião sem considerar que o pai, a mãe têm compromisso. É preciso pensar o melhor momento, o melhor horário, como eu posso atender para de fato trazer cada vez mais os pais para dentro da escola. Então, eu fico muito feliz com essa possibilidade, e que bom que está trazendo tanto resultado, que, com um projeto de leitura que atua na formação de gestores e coloca foco nessa parceria com a família, toda a rede está conseguindo entender isso – o professor, o gestor, o aluno, o pai, todos os envolvidos. Problemas a gente tem. São 25 escolas, mais de 7 mil alunos; é uma responsabilidade muito grande. Mas isso me deixa muito feliz.

Mãe 1: E eu queria deixar registrado também que, quando a minha filha começou a ir para a escola, com 7 meses, foi em colégio particular, porque eu tinha possibilidade. Então, quando deu aquele vendaval na nossa vida, o que mais me doeu foi ter que tirar a minha filha do colégio particular, e eu chorei, porque achava que eu dava um estudo. Quando eu a levei para a creche Antônia [Creche Municipal Antônia de Souza Silva], fui abraçada, sabia o que ela comia, sabia o que ela fazia, eles me passaram isso, e eu falei assim: “Meu Deus, por que eu gastei tanto dinheiro em colégio particular no início?”. Porque não havia necessidade, porque eu tinha condições, achava que estava fazendo o melhor. Aí, quando eu a coloquei na rede pública e me mandaram um vídeo – “Rosana, ela está se desenvolvendo assim”, vi o desenvolvimento dela em todas as áreas. Eu fico muito feliz, porque hoje talvez eu conseguisse pôr ela num colégio particular, com mais dificuldade, apertado, mas o que ela tem desenvolvido na escola, a parceria que eu tenho com a direção, com a professora, o jeito como as outras professoras tratam os alunos – porque às vezes eu faço trabalho de fotografia aqui e consigo ver o dia a dia onde os pais não estão –, esse cuidado com o aluno, com alimentação, com fruti- nha, com suco, e isso e aquilo, enquanto num colégio particular eu teria que mandar dinheiro e ela ia comer uma coxinha... Uma vez, conversando com a

professora Carla, o olho dela brilhou quando tivemos algumas ideias, que ela depois botou em prática. Talvez, num colégio particular, eu não tivesse essa parceria que tenho hoje.

Marília: Eu acho bacana o que a gente está trazendo aqui. Tomando como exemplo o que estávamos falando sobre a alimentação, não é o cardápio em si, é a comunicação, o quanto a gente, como escola, cuida da comunicação com as famílias, para sair daquele movimento de achar que as famílias não se interessam, sem fazer o movimento, como escola, de comunicar, de se abrir para chamar para a participação, com medo da participação, de que queiram “mandar na escola”. Como é que a gente lida com isso e vai rompendo com esses julgamentos?

Professora: É que, quando você empodera os pais também, é possível que a cobrança aumente, e eu acho que vira uma via de mão dupla.

Diretora 1: Eu penso também que a cobrança impulsiona o nosso trabalho, querer fazer o melhor sempre.

Pai: Por tudo o que foi falado aqui, eu sou extremamente impactado no dia a dia. Eu conheço a realidade do município, das escolas, e me sinto totalmente abraçado, entendem? Transmito aqui o meu agradecimento à Carla e aos demais professores e profissionais. A Educação aqui é de qualidade. Eles se importam, dão atenção, todos os funcionários. Então, é um agradecimento como pai.

Mãe 1: Quero agradecer a vocês pela atenção, pelo cuidado, pelo carinho com a minha filha, comigo e com a minha família, porque escola e pais é uma união, e, se a gente não tiver união, não caminha. Estou muito feliz pelo aprendizado dela.

SÍNTESE